

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

**Alexandre Brod Farias**

**COMPETIÇÕES ESPORTIVAS COMO MEIO DE EDUCAÇÃO E  
FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS:  
um estudo sobre as categorias sub 9 e sub 11 de futsal**

Porto Alegre

2016

**Alexandre Brod Farias**

**COMPETIÇÕES ESPORTIVAS COMO MEIO DE EDUCAÇÃO E  
FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS:  
um estudo sobre as categorias sub 9 e sub 11 de futsal**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Porto Alegre

2016

**Alexandre Brod Farias**

**COMPETIÇÕES ESPORTIVAS COMO MEIO DE EDUCAÇÃO E  
FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS:  
um estudo sobre as categorias sub 9 e sub 11 de futsal**

Conceito Final

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

Orientador - Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti - UFRGS

## RESUMO

O presente estudo aborda as competições esportivas infantis de futsal nas categorias sub 9 e sub 11 que disputam o campeonato proposto pela Federação Gaúcha de Futsal. O objetivo do trabalho foi avaliar, a partir das percepções de treinadores, a contribuição das competições de futsal na educação e formação de crianças. O estudo foi realizado com base na Teoria da Competição de Marques (2004). A teoria defende que as competições para iniciantes devem estar adequadas às capacidades, necessidades e interesses das crianças; as competições devem agir como elemento estruturante de toda a formação desportiva; as crianças devem participar de um grande número de atividades competitivas. Foram feitas entrevistas semiestruturadas com cinco treinadores com grande experiência nessas categorias, além da consulta do regulamento oficial da competição. Verificou-se que a competição para as categorias sub 9 e sub 11 não reproduz exatamente o modelo adulto de alto rendimento e existem adaptações na estrutura e nas regras do campeonato pensadas conforme a criança, como o tamanho da bola e da quadra, tempo de jogo, substituições e ausência de cartão. Porém há outras mudanças que são necessárias, como o tamanho da goleira, instrução para os pais quanto às atitudes durante o jogo e atividades extras de integração entre os clubes durante as viagens. O preparo dos profissionais envolvidos na formação das crianças é muito importante, tendo em vista que a federação peca com a supervalorização dos resultados da competição, contudo cabe ao clube e aos professores absorverem o impacto negativo que a cobrança excessiva dos resultados pode trazer as crianças. Os principais pontos negativos das competições infantojuvenis são a supervalorização dos resultados, a pressão dos pais dos atletas, e alguns professores da área que não estão preparados para trabalhar com crianças e jovens.

**Palavras-chave:** Competição. Crianças e jovens. Futsal.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Adaptação no regulamento das categorias sub 9 e sub 11 no RS.....	28
<b>Quadro 2</b> – Adaptação no regulamento das categorias sub 9 e sub 11 em SP.....	31

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>8</b>
2.1	TEORIA E METODOLOGIA DAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS.....	8
2.2	A COMPETIÇÃO INFANTIL E JUVENIL .....	10
<b>2.2.1</b>	<b>Categoria 1: competição conforme a criança .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Categoria 2: a competição como elemento estruturante da formação esportiva.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Categoria 3: número e frequência das participações competitivas.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>19</b>
3.1	PARTICIPANTES .....	19
3.2	ROTEIRO DE ENTREVISTAS .....	19
3.3	FONTES DOCUMENTAIS .....	20
3.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	20
3.5	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS .....	21
3.6	PROCEDIMENTOS ÉTICOS .....	21
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>23</b>
4.1	CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA PREDOMINANTE DOS TREINADORES DE FUTSAL DE CRIANÇAS ATÉ 11 ANOS.....	24
4.2	AS ADEQUAÇÕES DA COMPETIÇÃO CONFORME A CRIANÇA .....	27
4.3	NÚMERO E FREQUÊNCIA DE PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS NO FUTSAL .....	31
4.4	A COMPETIÇÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE DA FORMAÇÃO ESPORTIVA .....	35
4.5	A INFLUÊNCIA DOS PAIS NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ESPORTIVA DE FUTSAL INFANTIL. ....	38
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...</b>	<b>47</b>
	<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS TREINADORES DE FUTSAL DAS CATEGORIAS SUB 9 E SUB 11 .....</b>	<b>48</b>
	<b>APÊNDICE C - DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre a educação e formação de crianças e jovens a partir da prática desportiva de futsal nas categorias sub 9 e sub 11. As competições estudadas são de âmbito estadual, regidas pela Federação Gaúcha de Futsal (FGFS), localizada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. A FGFS organiza os campeonatos de futsal das categorias de base (sub 9, sub 11, sub 13, sub 15, sub 17 e sub 20) e o campeonato estadual adulto.

Na área de pedagogia do esporte existe uma discussão em relação às práticas competitivas e sua validade no período de formação das crianças. Existem estudiosos que rejeitam a adoção das competições esportivas para crianças e jovens e sustentam seus argumentos no fato de que as competições desenvolvam valores de concorrência e individualismo. Essas pessoas defendem os jogos cooperativos, pois esses jogos são capazes de diminuir as manifestações de atitudes agressivas e capaz de aproximar as pessoas umas das outras em função de suas características: não valorizar o fato de ganhar ou perder; evitar a eliminação dos participantes, procurando manter todos inclusos até o final do jogo; procurar facilitar o processo criativo, e buscar evitar estímulos à agressividade e ao confronto individual ou coletivo. Para eles a competição sadia não existe e se constitui na negação do próximo, reforçando e ensinando a ideia de dominação e exploração entre ganhadores e perdedores (MATURANA, 2002).

Por outro lado há pedagogos que defendem as atividades competitivas, pelo fato de que a competição prepara para a vida porque a sociedade é competitiva. Porém deve-se pensar a competição a medida dos interesses, expectativas e necessidades da criança e, se assim feito, as competições oportunizam diversos desenvolvimentos, individuais e coletivos, das crianças em relação a suas habilidades motoras e sociais. Com isso, os benefícios de atividades somente cooperativas podem ser trabalhados também nas atividades competitivas, como os valores de igualdade, solidariedade, diálogo e aproximação entre as pessoas. A competição possibilita uma formação mais plural, pois possibilita ao aluno avaliar, aprimorar e comparar as suas habilidades com a dos outros, de criar junto dos amigos uma boa imagem social, de mostrar o que é capaz, de obter sucesso, de se

superar e desenvolver valores para viver em sociedade futuramente (MARQUES, 2004).

Contudo, para que as competições esportivas desenvolvam valores benéficos para as crianças, é necessário que a competição seja centrada na criança e esteja adequada a ela. Tendo isso em vista, e buscando através do esporte um meio de educação e formação das crianças, Marques (2004) estabeleceu três categorias que necessitam ser contempladas no âmbito da competição esportiva: a) novas práticas competitivas em um esporte mais conforme os interesses e necessidades da criança; b) a competição como elemento estruturante de toda a formação esportiva; c) o número e frequência de participações competitivas.

Diferentemente como era pensado antigamente, as crianças não são adultos em proporções menores. São indivíduos em formação e necessitam condução e orientação dos adultos. Tendo em vista que a competição esportiva é uma rica ferramenta pedagógica, se bem conduzida pelos profissionais envolvidos, ela necessariamente deve ser estudada. A importância do presente trabalho está no fato de que as competições de futsal para os mais novos devem estar adequadas às capacidades e necessidades das crianças e não apenas reproduzir o modelo adulto de alto rendimento, como parece ser feito em algumas modalidades esportivas.

A partir da situação apresentada, surge o objetivo da pesquisa que é avaliar as competições para iniciantes no futsal. Para isso faz-se necessário respostas para perguntas que são norteadoras quando tratamos deste tema:

- a) As competições de futsal propostas pela federação gaúcha de futsal estão adequadas as capacidades, interesses e necessidades das crianças de até 11 anos?
- b) As vitórias e derrotas decorrentes das competições de futsal representam potencialidades educativas nas categorias sub 9 e sub 11?
- c) O número e a frequência de participações competitivas está adequado as necessidades das crianças nessa faixa etária?

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo será apresentado uma revisão de literatura relacionada à teoria e metodologia das competições esportivas e uma revisão sobre a competição para crianças e jovens.

### 2.1 TEORIA E METODOLOGIA DAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

A competição é considerada, pela maioria das pessoas, a alma do esporte. Pode ser entendida como uma comparação de rendimento entre atletas ou equipes que sempre buscam superar seus limites. A competição esportiva é organizada a partir de regras e normas de conduta de cada modalidade esportiva que, desde seu surgimento até hoje, atrai e proporciona prazer, seja para os atletas ou espectadores. Esta definição sofre modificações com o passar do tempo junto com a evolução dos esportes, da visão e do entendimento sobre a competição. A aceitação da competição esportiva pela sociedade vem aumentando e pode ser comprovada pelo aumento de competições esportivas de lazer, competições para idosos e deficientes físicos (THIESS; LUHNENSCHOLOSS; WILLE, 2004).

O sistema de competições de um atleta é formado por competições oficiais e não oficiais. Esse sistema de competições é norteado por objetivos que visam levar o atleta ao sucesso nas participações competitivas. Este sistema de competições é formado pelos tipos de competições; pelos modos de competições; as formas de disputa; os gêneros de competições; as modalidade de competição (PLATONOV, 2004; THIESS; LÜHNENSCHOLOSS; WILLE, 2004; GOMES, 2009).

Dentre os principais objetivos que orientam a participação em competições estão a revelação das capacidades necessárias para alcançar o alto desempenho esportivo e a satisfação dos objetivos pessoais e sociais relacionados ao esporte (GOMES, 2009). Estas características estão presentes em todas as competições esportivas, mas algumas características acabam se destacando em relação a outras devido à variedade de esportes e das condições em que são organizadas as competições. Gomes (2009) ainda acrescenta que as competições se diferenciam pelo local de prova (interna, local, regional, nacional ou internacional); as características dos atletas (idade, sexo, nível técnico); as condições de acesso à

competição (ranking, existência de competições classificatórias, nível de desempenho); Forma de participação (número de etapas, tipo de eliminação); Condições do local de competição (clima, arbitragem, materiais, espectadores, ambiente social).

Segundo Platonov (1988) as competições dividem-se em quatro categorias: Competições de preparação; competições de controle; competições eliminatórias; competições principais. As competições de preparação tem o objetivo de construir um esquema técnico e tático das participações competitivas e preparar o atleta para os desafios da competição. As competições de controle servem para mensurar o nível de preparação e o nível técnico do atleta. As competições eliminatórias servem para formação de equipes ou são usadas para buscar a classificação de atletas para uma determinada competição. As competições principais são aquelas que os atletas e treinadores elegem como prioridade para alcançar o maior desempenho. No alto rendimento, Platonov (2004) acrescenta uma quinta categoria que seria as competições de modelação, que são utilizadas para simular as condições em que serão desenvolvidas as competições mais visadas do atleta.

De acordo com Weineck (2003) as competições esportivas são geralmente realizadas em função de um treinamento esportivo. Porém o treinamento só existe, porque a competição existe. Um treinamento sem a presença de competição perde a essência para o atleta, pois o treinamento é a preparação para vencer uma competição. De um modo geral um atleta não treina pelo prazer de treinar, mas sim com objetivo claro de desenvolver suas capacidades e assim, preparar-se para as competições visadas. A definição destas competições visadas a partir de Weineck (2003) deve-se atentar para que:

- Uma competição deve ser considerada como um todo unitário, com uma sequência adequada de provas e incluindo também fases de recuperação;
- Haja um número suficiente de competições;
- O grau de dificuldade de uma competição deve ser compatível com o nível de treinamento: os desafios crescentes graduais em uma competição fazem com que esta também tenha um caráter de “formação esportiva”;
- A forma imediata: nenhuma competição em tempo inoportuno. Competições sem desafios específicos são desprovidos de valor, uma vez que os estímulos psicofísicos passam a ser insuficientes.

As funções das competições estão ligadas diretamente com os objetivos e classificações das atividades competitivas. Thiess, Lühnenschloss e Wille (2004) dividem em Funções gerais e Funções específicas fundamentais. As funções gerais englobam: função cultural, função comercial, função de comunicação, função politico-esportiva e função social (funções integradas a partir das relações de organização e de consumo relacionadas à competição). As funções específicas fundamentais englobam: função de formação esportiva, função educacional, função de classificação, escolha e descoberta de talentos (funções originadas das tarefas de ensino, de formação esportiva e das metas associadas às competições).

De acordo com Marques (2004) as funções de formação e educação são essenciais nas competições esportivas infantis. A competição deve ser elemento estruturante de toda a formação da criança, e para isso devem-se os esforços das organizações dos campeonatos para adequar as competições às necessidades das crianças e os professores para conduzirem o processo da forma adequada à formação dos mais jovens (MARQUES, 2004 *apud* GONÇALVES, 2014).

No capítulo seguinte serão abordados os assuntos referentes às competições infantis e juvenis, bem como os princípios que orientam o desenvolvimento e a formação das crianças e jovens.

## 2.2 A COMPETIÇÃO INFANTIL E JUVENIL

O esporte, como um constituinte da cultura corporal do movimento humano, se constitui numa prática com infinito potencial para educação e formação de crianças desde a mais tenra idade (GAYA, TORRES, BALBINOTTI 2002). Segundo esses autores, a iniciação esportiva pode ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento infantil desde que pedagogicamente adequada às necessidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais das crianças em suas diferentes fases de desenvolvimento. A iniciação esportiva deve servir como um meio de desenvolvimento das habilidades motoras gerais e especiais.

Segundo Tani (2002) quando se fala sobre a iniciação esportiva, surgem várias reflexões acerca dos cuidados a serem tomados para que a participação da criança no esporte não seja prejudicial à sua formação. Isso acontece porque existe um descompasso entre os conhecimentos acadêmico-científicos disponíveis acerca

do assunto e a realidade social da prática esportiva em que a participação da criança nas competições esportivas ocorre sem concordar com esses conhecimentos. Por isso a autora propõe três pressupostos fundamentais que devem ser utilizados quando a criança iniciar no esporte: o organismo (necessidades, potencialidades, limitações, expectativas, interesses); a tarefa (concepção do esporte); e o ambiente social (rede social que afeta a participação da criança no esporte). Quando esses três fatores interagem adequadamente de forma a manter uma correspondência mútua, o envolvimento da criança com o esporte torna-se saudável, prazeroso, produtivo e gratificante.

O convívio humano que se estabelece na prática esportiva pode ser apontado como uma metáfora do convívio humano em outros contextos sociais (BALBINO, 2001). Assim, iniciar uma criança no esporte significa adequar o esporte à criança e não a criança ao esporte, elaborando sequências didáticas e selecionando estratégias e procedimentos pedagógicos tendo como critério as necessidades da infância - como o lúdico, a espontaneidade e a capacidade de adaptar-se a novos conteúdos. Cabe destacar, ainda, a necessidade de que as competições propostas sejam também adequadas à criança, considerando a instabilidade emocional que o ambiente competitivo caracteriza-se e dando ao aluno a oportunidade de vivenciar novas emoções sem constrangimentos (GALATTI *et al.*, 2008).

Weineck (2003) diz que diferentemente do que acontece para os adultos, as competições infantis e juvenis têm a conotação de transição, por isso elas devem ser consideradas, quanto ao seu programa e métodos de organização, como uma parte do treinamento. Os princípios básicos para os esportes praticados por crianças e jovens são:

- Em competições, o jovem atleta deve demonstrar o desempenho adquirido no treinamento (coordenação, técnica, etc.);
- O atleta deve mostrar sua habilidade em diversas disciplinas da modalidade esportiva em questão e também de outras modalidades esportivas (aspecto multidisciplinar);
- A sequência e a frequência das competições não é definida por uma competição principal;

- Devem haver competições durante todo o ano de treinamento após cada período do mesmo. As competições devem ser feitas entre grupos de desempenho semelhante ou ainda entre pessoas do mesmo grupo;
- As competições devem fazer sempre desafios crescentes.

Corroborando com Weineck (2003), o Professor Marques (2004) apresentou três categorias teórico-metodológicas que são essenciais para fazer da competição um modelo de formação de crianças e jovens. A seguir será apresentada cada uma das categorias da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004).

### **2.2.1 Categoria 1: competição conforme a criança**

O esporte é um fenômeno sócio cultural em destaque no cenário mundial contemporâneo, que se manifesta de múltiplas maneiras, sendo procurado como prática por diversos seguimentos da sociedade, dentre os quais destacamos crianças e adolescentes (GALATTI *et al.*, 2008). Os esportes são excelentes potencializadores das capacidades humanas que estão diretamente relacionados à cognição, a socialização e a motricidade. São válidas as atividades esportivas vivenciadas através do jogo como uma alternativa de intervenção positiva no desenvolvimento da criança, pois o jogo é significativo para a criança e por tanto pode ser um efetivo recurso pedagógico (RIBEIRO; FONSECA; SANTANA, 2014).

Quando uma criança começa num esporte, seja em clubes ou centros esportivos, é inevitável a inserção em eventos esportivos competitivos, sendo estes eventos federados ou não (ARENA; BOHME, 2004). Portanto saber competir, estar preparado para o fazer, é fundamental na preparação para o futuro das crianças e deve ser tratado como uma finalidade educativa.

Tendo como base a aceitação deste princípio, é necessário o entendimento de que o nível das participações competitivas sejam conforme a criança. A adoção dos modelos evoluídos de competição do desporto de alto rendimento na preparação desportiva dos mais jovens foi um grave erro que cometemos durante muitos anos e de que só agora começamos a ressarcir-nos (MARQUES, 2004). Nesta mesma linha Silva, Fernandes e Cilani (2001) ainda citam que até pouco

tempo o treino dos jovens foi uma reprodução ou, no máximo, uma simples adaptação dos procedimentos e organização do desporto de rendimento.

Quando levado em consideração os treinos e as competições dos jovens baseados no modelo adulto, a atenção de todos se focam para os melhores, que geralmente correspondem a atletas biologicamente acelerados ou cronologicamente mais velhos. O resultado desta atitude se dá ainda nestas etapas iniciais da formação desportiva, onde um conjunto largo de atletas sejam negligenciados e se desmotivem (ROST, 1997).

De acordo com Weineck (2003) o treinamento para crianças e jovens consiste num processo sistemático e a longo prazo; objetivos, programas, e procedimentos diferem daqueles adotados em um treinamento de adultos. O autor propões cinco preceitos básicos a serem considerados na inclusão das crianças no esporte:

- Um treinamento deve ser iniciado com exames ortopédicos gerais, para a detecção de anomalias do aparelho motor, insuficiências cardiovasculares, fatores de risco em um treinamento de tal tipo. Estes exames devem ser periodicamente repetidos, para o reconhecimento precoce e prevenção de possíveis lesões consequentes do treinamento;
- Todo treinamento que visa desempenho deve ser uma opção própria e não uma imposição de pais ou treinadores;
- O treinamento deve ser adequado à idade física e à mentalidade da criança;
- O treinamento não deve comprometer ou prejudicar os estudos;
- O treinamento deve deixar ainda a possibilidade para que a criança ou o jovem se interesse por outra modalidade esportiva.

Percebe-se que o treinamento infantil e juvenil não é um treinamento de adulto reduzido, tendo em vista que a criança é um indivíduo em crescimento e submetido a uma série de alterações e desenvolvimentos físicos, psíquicos, sociais muito significativos (WEINECK, 2003). É necessária então a construção de modelos de competição que cada fase da preparação se identifique coerentemente com as possibilidades dos mais jovens e com as propostas de treinos que desenvolvemos (MARQUES, 2004).

Marques (2004) estabelece uma relação de que o treino/competição no esporte não deve ser considerado da direita para esquerda, isto é, da competição para o treino, como se faz no alto rendimento, que os treinos funcionam basicamente tendo como preceito as competições, mas sim da esquerda para a direita, do treino para a competição, isto é, numa relação de continuidade e complemento dos princípios de formação que desenvolvem no treino. Porém para que isso aconteça são necessárias competições que se ajustem às capacidades, interesses e necessidades das crianças.

### **2.2.2 Categoria 2: a competição como elemento estruturante da formação esportiva**

A ideia central deste tópico é a competição esportiva relacionada ao trato educacional, a fim de contribuir para a formação das crianças com ênfase em valores considerados positivos para a vida no futuro convívio na sociedade, ou seja, além do ambiente esportivo. De acordo com Galatti *et al.* (2008) o esporte é receitado e recomendado para tudo e para nada, como se na sua prática desenvolvesse espontaneamente tudo o que há de mais benéfico. Porém esta ideia é questionável. No esporte, como em outros âmbitos da vida, podem existir dualidades, a partir da mesma prática existirem valores de sinais positivos como valores negativos.

O processo de formação do atleta, apesar de influenciado por demais pessoas integrantes dos meios em que o individuo convive, é de responsabilidade direta do treinador (MESQUITA, 2000). O autor ainda acrescenta que o treinador tem fundamental importância na iniciação, orientação e especialização das crianças, e o modo como o professor intervém é o que define uma correta atitude formativo-educativa no esporte (MESQUITA, 2000 *apud* AIRES, 2015). Ainda nesta linha Balbino, Galatti e Paes (2005, p. 128) ressaltam:

[...] o professor deve estar atento em promover intervenções positivas; ter a participação, a cooperação, a co-educação, a emancipação e a totalidade como princípios; buscando, assim, valer-se da pedagogia do esporte já discutida e não da simples administração da prática esportivizada.

Mesquita (2000 *apud* AIRES, 2015) apresenta alguns princípios que são tidos como norteadores de uma prática voltada para educação e formação:

1. Os treinadores devem ser defensores de ações corretas (senso de justiça, imparcialidade, compreensão, serenidade, tolerância, paciência);
2. Os treinadores devem fazer com que os objetivos de formação (aprendizagem de comportamentos adequados e conscientes) da competição e dos treinos durante a atividade esportiva se sobreponham aos objetivos de rendimento;
3. A competição, por ser de fundamental importância no processo de formação, deve ser desmistificada, pois através dela os atletas são preparados para saber encarar os desafios da vida;
4. A participação em competições deve ser incentivada como um meio que contribui para a afirmação pessoal, autoafirmação e autossuperação e não para a obtenção de resultados;
5. A vontade de vencer não deve ser evitada, mas sim fomentada, mas não pode ser o maior objetivo. As vitórias devem significar para o atleta a confirmação de que ele deve continuar a dedicar-se nos treinos para se tornar cada vez melhor, enquanto a derrota serve para demonstrar que há erros que necessitam de correção para melhorar o que ainda não está adequado;
6. O momento no qual as crianças e jovens iniciam nas competições deve ser motivo de atenção para o treinador, assim como também o ambiente em torno das mesmas. Os alunos só devem iniciar em competições a partir do momento em que possuam habilidade para responder aos desafios das mesmas. Por isso, o treinador deve escolher as competições mais adequadas às características de seu atleta naquele momento.

Durante o início do aprendizado desportivo deve-se estabelecer as bases para o rendimento elevado evitando obrigação de resultados imediatos. Dessa maneira, a prática desportiva infantil, mesmo que voltada para a consecução de bons resultados, não pode deixar de privilegiar as contribuições dessa mesma prática na formação do ser humano (SILVA; FERNANDES; CELANI, 2001). Esta

preocupação com o resultado das competições influencia negativamente na formação da criança.

De acordo com Marques (2004) o que deve questionar não é nem a competição nem os resultados da competição, mas sua supervalorização, o seu favorecimento e promoção à margem de um enquadramento adequado. Porém considerar que ganhar ou perder é irrelevante e que a única coisa importante é a participação na atividade torna-se um excesso pedagógico.

Marques (2004) trata com ênfase a atenção que deve ser despendida na atitude dos professores quanto às vitórias e derrotas. A competição pode ser estruturante da formação da criança. Tanto nas vitórias como nas derrotas. Pode-se considerar que a derrota têm, muitas vezes, mais importância que a vitória no processo de formação das crianças. Contudo não deixa de ser importante que o treinador proporcione que um maior número de crianças vençam. Sem vitórias e sem derrotas não é possível aproveitar as capacidades educativas do esporte. A aceitação da derrota, a nobreza na vitória é um código de conduta que preceitua as relações no desporto e tem sentido para a vida.

Garantindo um tratamento adequado, sem valorização exacerbada, torna-se possível que as crianças estejam comprometidas e motivadas nas suas atividades esportivas, usufruindo do caráter formativo-educativo do esporte, possibilitando a qualquer indivíduo o aprendizado através do mesmo, seja ele um futuro atleta, admirador ou praticante recreacional da modalidade.

### **2.2.3 Categoria 3: número e frequência das participações competitivas**

Este assunto é de fundamental importância quando se fala do enquadramento da prática competitiva na infância. Não existe consenso na literatura quanto ao número e frequência de participações competitivas ideais na fase de iniciação esportiva. Para Marques (2004) esta questão é paradoxal porque, geralmente, quando uma criança demonstra estar despreparada costuma-se reduzir o número de participações competitivas. Porém é justamente neste caso e nas primeiras fases da preparação que as participações competitivas devem se fazer em maior número.

As competições que Marques (2004) se refere não são apenas os modelos formais e mais evoluídos do esporte de alto nível. Também são os pequenos jogos, as pequenas competições, menos estruturadas, simplificadas, diversificadas. Nesta mesma linha Galatti *et al.* (2008) cita que um exemplo de procedimento pedagógico importante num processo de iniciação esportiva que tem relação a um grande número de competições propõe a participação permanente nas atividades competitivas não formais. Principalmente quando se trata de crianças. Nesse caso é mais válido priorizar a participação em festivais esportivos, em vez de participação em torneios e campeonatos sem preocupação pedagógica. Os festivais esportivos permitem uma série de mudanças das regras institucionalizadas como uma flexibilidade em relação à idade, ao tempo de jogo, à modificação das regras em comum acordo; pode não haver eliminação de nenhuma equipe; todas equipes jogam inúmeras vezes, ou seja, as atividades esportivas não formais, por terem regras livremente concebidas pelos participantes, se tornam mais flexíveis a adaptações que atendam as necessidades, interesses e possibilidades dos participantes e assim poderão ser realizadas constantemente sem causar prejuízo às crianças.

Diferentemente dos autores citados acima, Bompa (2009) determina um número ideal de participações competitivas por ano e sugere que, para crianças até 7anos, não é indicado a participação em competições formais. E a partir desta idade até os 11 anos, especifica um número de 5 a 10 competições por ano (BOMPA, 2009 *apud* GONÇALVES, 2014). Rost (1997) explica que normalmente, na construção em longo prazo da carreira esportiva, há um aumento numérico das competições. O valor emocional e a influência na motivação ligada à competição é indiscutível, por isso o planejamento das competições devem procurar cobrir toda a carreira desportiva. Porém, deve-se tomar cuidado, tendo em vista que a competição constitui, ao mesmo tempo, uma carga psicofísica bastante elevada, e nas categorias juvenis, um número e frequência de participações competitivas demasiado pode levar a fenômenos de saturação psicológica.

Pensando nisso, Marques (2004) explica que as competições oferecidas aos mais jovens ainda fazem parte de um quadro muito tradicional de competições especializadas e com objetivos próximos das competições de alto nível. Então reforça que “as crianças devem participar de um grande número de atividades

competitivas, desde que estas estejam ajustadas às suas possibilidades” (MARQUES, 2004, p. 83). Assim, se oportunizar à criança a possibilidade de participar de um quadro numeroso e diversificado de jogos, competições e torneios desportivos, criam-se possibilidades a um maior número de indivíduos e equipes de atingirem o sucesso, contribuindo dessa forma para uma formação desportiva mais conforme às necessidades e possibilidades da criança (MARQUES, 2004).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo utiliza-se do método qualitativo para obtenção e análise das informações. Este método foi escolhido por abordar peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais (FLICK, 2009). Desta forma, esta pesquisa se propôs a descrever as informações obtidas, a partir de entrevistas semiestruturadas e fontes documentais, com o objetivo de avaliar a qualidade da competição de futsal para as categorias sub 9 e sub 11 no âmbito de formação e educação de crianças e jovens.

#### 3.1 PARTICIPANTES

Foram escolhidos pelo pesquisador cinco professores que trabalham ou trabalharam com as categorias sub 9 e sub 11 de cinco clubes de futsal de Porto Alegre, que participam de competições de âmbito regional e estadual, possuem resultados satisfatórios em todas estas competições e tem grande experiência na área. Formados em Educação Física e com diferentes trajetórias em suas carreiras, destacando-se: um treinador ex-jogador profissional de futsal e treinador de categorias maiores (sub-17 e sub-20) em outros clubes, professor de futsal há 17 anos e técnico de equipe profissional de futsal; um treinador, ex-atleta de futsal, há 11 anos formado e que trabalha exclusivamente com as categorias menores; um treinador, formado há 10 anos com experiência em todas as categorias menores do clube; um treinador que trabalha há 30 anos com as categorias de base; um treinador, formado há mais de 20 anos e com experiência em todas as categorias de base do clube.

#### 3.2 ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Para cumprir os objetivos do estudo e responder às questões norteadoras do estudo, o instrumento proposto foi um roteiro de entrevista com uma série de questões previamente estabelecidas. Para Flick (2009) as entrevistas semiestruturadas são mais capazes de resgatar o ponto de vista dos sujeitos

entrevistados quando comparada com uma entrevista padronizada ou um questionário.

As questões formuladas têm embasamento nas categorias propostas por Marques (2004): (1) Novas práticas competitivas num esporte mais conforme à criança – trata-se de um modelo de intervenção pedagógica que trate a competição da criança à imagem de suas capacidades e leve em conta os seus interesses e necessidades; (2) A competição como elemento estruturante de toda a formação desportiva – relação entre vitórias e derrotas como potencial educativo; (3) o número e a frequência das participações competitivas – recomenda-se aumentar o número e a frequência das competições nas primeiras fases da preparação, podendo ser pequenos jogos, simplificados, adaptados, diversificados, que são as formas de aprendizagem por excelência. Contudo, segundo Flick (2009), no decorrer da realização das entrevistas, outras categorias oriundas dos depoimentos dos entrevistados poderão ser estabelecidas para melhor interpretar os resultados obtidos.

### 3.3 FONTES DOCUMENTAIS

As fontes documentais são: o Regulamento da Federação Gaúcha de Futsal das categorias Sub 9 e sub 11. Serviram para auxiliar no cumprimento dos objetivos da pesquisa, porque segundo Flick (2009) os documentos e a análise de documentos serve como uma estratégia complementar para outros métodos como a entrevista. A proposta inicial era de analisar todos os documentos oficiais relacionados às competições (notas, boletins, circulares, resoluções, regulamentos, diretrizes, declarações), assim como arquivos privados que, por ventura, fossem autorizados à divulgação para fins acadêmicos. Entretanto, apenas foram encontrados os regulamentos da competição em questão e o calendário competitivo.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados mediante a aplicação das entrevistas. As entrevistas realizadas foram gravadas, com um gravador de voz, para garantir a confiabilidade dos registros e análise posterior. Como sugerido por López (1991

*apud* NEGRINE, 2010) a entrevista foi realizada em um lugar tranquilo, sem interferências de nenhum tipo, inclusive sonoro, para não causar problemas de gravação na utilização desse recurso.

As gravações foram transcritas, no sentido de confirmar as respostas anotadas durante as entrevistas e análise de depoimento oral. O contato para as entrevistas foi agendado via telefone, onde o entrevistado foi informado da intenção de se realizar este estudo, deixando-se claro os objetivos do mesmo. Salientando que a aplicação da entrevista foi realizada de forma individual, sempre pelo mesmo entrevistador. Tendo sido concluídas as transcrições, as mesmas foram encaminhadas, por email, para os entrevistados. Assim, os mesmos puderam avaliar o conteúdo transcrito, aprovando-o, contestando-o, ou aprovando-o com correções.

### 3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O material obtido através das entrevistas e dos dados documentais passou pela análise de conteúdo, que é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando a origem do material (BAUER, 2013). Inicialmente, as informações coletadas foram organizadas e categorizadas de acordo com os objetivos do estudo e com a fundamentação teórica, e no decorrer da análise dos dados surgiram novas categorias empíricas, como indica Flick (2009). Primeiramente foram estabelecidas as seguintes categorias do estudo: Competições conforme às crianças; a competição como elemento estruturante da formação esportiva; número e frequência das participações competitivas. Essas categorias são baseadas na teoria proposta por Marques (2004) e são as que orientam também as questões norteadoras e o roteiro de entrevista deste estudo. Após essa etapa, os materiais foram analisados profundamente a fim de produzir as devidas interpretações de modo a estabelecer um diálogo com os objetivos da investigação (FLICK, 2009).

### 3.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A presente pesquisa faz parte de um projeto maior denominado: Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório,

que foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob número de protocolo 271.526 na data de 7 de fevereiro de 2013.

Foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde dizia o objetivo geral da pesquisa e como o treinador participaria do estudo para que ele registrasse seu consentimento. Ainda foi explicado aos treinadores que a participação não era obrigatória, e que caso não quisessem, os dados não seriam utilizados no estudo. Por fim, foi acordado com os participantes o respeito aos critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico serão apresentados os resultados da pesquisa seguidos da análise dos resultados junto a literatura. As informações obtidas das cinco entrevistas realizadas foram classificadas de acordo com o conceito de categoria semântica, que institui diferentes categorias de acordo com os diferentes assuntos. Primeiramente, para responder as questões norteadoras da pesquisa foram estabelecida três categorias semânticas que tem como base a teoria proposta por Marques (2004). São elas: Competições conforme as necessidades e capacidades das crianças e jovens; A competição como elemento estruturante da formação esportiva; Número e frequência de participações competitivas.

Através da utilização do método de análise de conteúdo, foi possível enquadrar outras categorias oriundas das entrevistas com os treinadores que não se encaixavam nas três categorias semânticas pré estabelecidas mas que foram entendidas com alto grau de relevância para o estudo. Essas categorias são construídas através da identificação de temas diferentes dos que estão presentes nas categorias teóricas propostas inicialmente. Neste estudo surgiram duas novas categorias advindas das respostas às entrevistas: Concepções pedagógicas predominante dos treinadores de futsal de crianças até 11 anos; e a influência dos pais na educação e formação esportiva de futsal infantil.

Os resultados obtidos através da análise de conteúdo das entrevistas e das fontes documentais serão apresentados e discutidos na seguinte ordem:

- 4.1 Concepção pedagógica predominante dos treinadores de futsal de crianças até 11 anos
- 4.2 As adequações da competição conforme a criança
- 4.3 Número e frequência de participações competitivas no futsal
- 4.4 A competição como elemento estruturante da formação esportiva
- 4.5 A influência dos pais na educação e formação esportiva de futsal infantil

#### 4.1 CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA PREDOMINANTE DOS TREINADORES DE FUTSAL DE CRIANÇAS ATÉ 11 ANOS

Atualmente a participação de crianças e jovens no esporte é bastante visada em muitos estudos. São muito contraditórias as posições acerca da competição esportiva na infância. A discussão pedagógica é pertinente tanto nos discursos de defesa quanto nos discursos de condenação dessa participação. Portanto esses assuntos devem ser confrontados a partir de princípios fundamentais de educação e formação dos indivíduos praticantes (BENTO, 2006). Segundo Mesquita (2000) o processo de formação do atleta, independentemente de quem influencia (dirigentes, árbitros, pais, etc.), é de responsabilidade direta do treinador, visto que é a ele que compete a orientação e preparação dos praticantes no processo de treino e de competição. Desta forma, o treinador torna-se o principal responsável pela iniciação, orientação e desenvolvimento, contribuindo decisivamente para a qualidade da formação frente as práticas esportivas.

Por isso, inicialmente se torna importante que se entenda a visão dos treinadores em relação a competição. A primeira questão do roteiro de entrevista foi relacionada às principais concepções pedagógicas existentes quanto às competições esportivas para crianças e jovens. Ao iniciar a entrevista, foi apresentado um pequeno texto que englobava a concepção pedagógica que rejeita a adoção da competição esportiva como um modelo de formação e educação de crianças e jovens, pois promove valores exacerbados de concorrência e individualismo, em prejuízo a valores de igualdade e solidariedade. Em seguida, foi apresentada a concepção na qual os pedagogos aceitam a competição como um modelo de educação e formação de crianças e jovens e a possibilidade que as competições oferecem de avaliar as próprias capacidades dos praticantes, comparando-as com os outros; de se mostrar tudo aquilo que se é capaz, de se obter sucesso, de se superar; de se criar junto com os amigos, e; de se criar e desenvolver valores para a sua futura vida em sociedade.

Todos os treinadores entrevistados, mesmo que superficialmente tratando do tema, aceitam a adoção da competição no processo de formação e educação das crianças e jovens, desde que essa seja bem conduzida e adequada aos praticantes. Os trechos abaixo caracterizam melhor as respostas dos entrevistados:

TREINADOR 1: *A gente acredita muito que no esporte, mesmo sendo competitivo, podemos introduzir a questão educacional nele, a questão da formação pessoal. [...] o mundo hoje é competitivo, e é um mundo em que é preciso ter disciplina. Principalmente dentro do futsal, que é um esporte coletivo, a gente trabalha muito o coleguismo, a parceria e a coletividade. Podemos desenvolver muitas situações de conhecimento da individualidade respeitando a pluralidade de cada um, pois sabemos que todos ser é um ser plural. E eu acho que é muito benéfico para o futuro deles.*

TREINADOR 2: *A competição faz parte da vida das pessoas e nas práticas competitivas existem potenciais de formação e educação para se desenvolver com as crianças.*

TREINADOR 3: *Analisando uma temporada inteira é impossível não considerar a importância da presença de competição para a formação das crianças. [...] aprenderam e passaram por situações que não passariam em casa ou na escola; houve um crescimento global dos alunos, e o que menos importa foi o crescimento técnico, pois nessas situações o crescimento como pessoa se sobrepõe. Portanto se soubermos trabalhar com a criança eu sou a favor da competição.*

TREINADOR 4: *Acredito que as competições esportivas na categoria sub 11 podem trazer benefícios, porém esses benefícios estão atrelados a uma serie de itens para que favoreçam a competição.*

TREINADOR 5: *Identifico-me mais com a parte competitiva. Não a competição tendo o adulto como modelo, [...] porém ainda faltam algumas coisas para nossa competição realmente ficar bem atrativa e, de repente, pararmos de ter essas duas linhas pedagógicas e entendermos que a competição supre justamente as questões defendidas por pedagogos que rejeitam a adoção das competições.*

Um estudo de Milistetd *et al.* (2008), analisou a concepção dos treinadores acerca do papel da competição na formação de jovens jogadores de voleibol. Na conclusão deste trabalho foi possível observar que os treinadores que fizeram parte do presente estudo atribuem à competição um papel determinante na formação desportiva dos jovens; os treinadores consideram ainda que a competição infanto-

juvenil deve ser adaptada às características das crianças, de forma a tornar viável a vivência qualificada do jogo; é possível identificar que os treinadores participantes consideram a competição fulcral na formação desportiva de crianças e jovens. Este estudo corrobora com os resultados aqui apresentados, onde os treinadores aceitam e consideram a competição fundamental na formação esportiva, porém algumas condições devem ser consideradas para a sua realização ser positiva.

Apesar de todos os treinadores entrevistados terem se mostrado a favor da adoção de competições esportivas na infância, foi identificado apenas um treinador, (na resposta apresentada anteriormente só engloba a categoria sub 11) que se mostrou contra as competições para as categorias abaixo de 10 anos. Tendo em vista que o presente estudo engloba a categoria sub 9, é importante ressaltar esta opinião, apesar de ter sido superficialmente tratada pelo entrevistado. A seguir está o trecho em que o professor fala sobre a competição na categoria sub 9:

*TREINADOR 4: Os alunos estão se desenvolvendo muito precocemente, desde muito pequenos já tem a questão da competição dentro de casa. Se tu fosse me perguntar há alguns anos atrás, eu seria desfavorável as competições esportivas nas categorias sub 9 e sub 11. Hoje eu sou favorável a participação da categoria sub 11, acima dos 10 anos de idade. E desfavorável a participação da categoria sub 9. Acredito que até os 10 anos de idade existem outras formas de desenvolvimento da criança.*

Esta resposta remete à discussão sobre as idades de iniciação em modalidades esportivas, tendo em vista que o Treinador 4 se mostrou contra a participação das crianças menores de 10 anos em competições, seja pelo atual modelo de competição, seja pelo argumento de que “*existem outras formas de desenvolvimento da criança*”. No estudo de Arena e Bohme (2004) sobre as federações esportivas e as organizações de competições para os jovens foi encontrado que no futsal as práticas competitivas já começam antes dos 10 anos (abrangem idades de 5 à 8 anos) e, segundo o estudo, indica uma situação de competição regular e específica de uma única modalidade esportiva num período em que a criança deveria desenvolver uma série de habilidades fundamentais (locomoção, manipulação e estabilização), adquiridas por meio de planejamentos esportivos mais gerais com várias modalidades, antes de iniciar o treinamento

específico e a participação regular em campeonatos. Os autores se baseiam em Gallahue e Ozmun para sugerir que as competições de futsal comecem entre 10 e 12 anos, concordando com o treinador entrevistado, explicando que para se atingir um domínio completo de habilidades esportivas, é necessário que o organismo humano percorra um processo longo e contínuo, de vivências e experiências motoras que envolvam habilidades motoras básicas e outras formas de combinação possíveis. A competição realizada de forma precoce pode comprometer esse processo, pelo fato de que a estrutura atual das atividades competitivas não favorece oportunidades iguais para todos os praticantes.

Por outro lado, existem autores (GAYA; TORRES; BALBINOTTI, 2002) que defendem a competição esportiva desde a mais tenra idade, e que se constitui numa prática com infinito potencial para educação e formação de crianças e jovens. São a favor da tese de que a iniciação esportiva possa ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento infantil, porém deve estar de acordo com as necessidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais das crianças em suas diferentes fases de desenvolvimento. Portanto, não se trata, tão simplesmente de ser contra ou a favor de atividades competitivas abaixo dos 10 anos de idade. Mas sim, trata-se de projetar a iniciação esportiva, como forma de desenvolvimento de habilidades motoras gerais e especiais, logicamente de acordo com princípios didático-pedagógicos fundamentados a partir dos aspectos das teorias do desenvolvimento humano.

#### 4.2 AS ADEQUAÇÕES DA COMPETIÇÃO CONFORME A CRIANÇA

A partir dos estudos e argumentos que vem sendo tratados anteriormente, fica claro que a competição de crianças e jovens deve ter particularidades claras que a diferenciam do modelo adulto de competição, em se tratando de educação e formação esportiva de jovens atletas.

Milistetd *et al.* (2014) estudaram 14 federações esportivas e suas respectivas idades de início da participação competitiva, a divisão de categorias, alterações estruturais e alterações funcionais. A partir dos resultados obtidos desse estudo foi possível observar que as federações de basquetebol, handebol e ginástica estabelecem o maior número de mudanças estruturais, respeitando as

particularidades do público infantojuvenil. Quanto às modificações funcionais, a federação de voleibol apresenta o maior número de alterações, que se referem à execução de fundamentos (saque, bloqueio), ações de jogo (levantamento, número de atacantes) e limitações táticas nas primeiras categorias. As federações estaduais que regulamentam o futebol e o futsal, consideradas modalidades populares no país, não apresentaram modificações significativas em suas diferentes categorias. Segundo os autores tais evidências demonstram o baixo comprometimento e interesse dessas instituições em favorecer a formação esportiva de longo prazo, bem como o envolvimento saudável de crianças e jovens em sua prática. Porém no futsal do Rio Grande do Sul parece ser diferente.

No Rio Grande do Sul quem organiza as competições de futsal para crianças e jovens é a Federação Gaúcha de Futsal. Nos regulamentos das categorias sub 9 e sub 11 é possível observar que existem algumas adaptações que a diferenciam do regulamento da competição para os adultos da mesma modalidade. As adaptações podem ser melhor visualizadas no quadro abaixo:

**Quadro 1** – Adaptação no regulamento das categorias sub 9 e sub 11 no RS

<b>Adaptações Estruturais</b>	<b>Adaptações Funcionais</b>
Tempo de jogo	Não há punições com cartão
Tamanho de quadra	Todos os atletas entram em quadra
Tamanho de bola	O goleiro não pode lançar a bola

Fonte: Adaptado de Federação Gaúcha de Futsal (2015).

No livro de Melo (1999) são propostas adaptações nos esportes de quadra de forma a ficarem mais atraentes para as crianças. No caso do futsal o autor propõe o Minifutsal. Nesta modalidade são feitas cinco adaptações na regra que incluem: tamanho da quadra; tamanho da goleira; tamanho de bola; tempo de jogo; todos os atletas entram em quadra. Fazendo uma comparação com as adaptações que a Federação Gaúcha de Futsal faz, é possível perceber que a proposta do minifutsal todas as mudanças estruturais da federação e ainda adapta o tamanho da goleira, porém há menos adaptações funcionais. A seguir alguns trechos dos professores falando sobre as adaptações nas estruturas do campeonato proposto pela Federação Gaúcha:

TREINADOR 1: *A federação tem algumas regras adaptadas nessas categorias (sub 9 e sub 11) na qual todos os jogadores tem que participar do jogo, ou seja, inserção. Por exemplo, os meninos de sub9 usam uma bola da categoria sub 9 e os meninos sub 11 utilizam uma bola da categoria sub 11 no que se diferencia o tamanho e peso. As quadras, dentro do próprio regulamento de competição, têm adaptações no tamanho para que a criança possa desenvolver uma melhor performance dentro do jogo.*

TREINADOR 2: *[...] há adaptações importantes na competição para que as crianças possam desenvolver o esporte de maneira adequada.*

TREINADOR 3: *Existe uma regra de inclusão nos jogos muito interessante, onde todos os jogadores relacionados para o jogo são obrigados a jogarem pelo menos uma etapa da partida.*

TREINADOR 4: *Existem diversas coisas que estão sendo feitas a nível de regramento e código de conduta na federação para que essas competições atendam os interesses e necessidades das crianças.*

TREINADOR 5: *Não podemos dizer que a criança não é pensada, tendo em vista que nessas competições de categorias sub 9 e sub 11 existem algumas adaptações nas regras e também uma comissão com 8 professores de todo estado que pensam e organizam uma proposta de campeonato para apresentar para todos os clubes.*

Além dos comentários positivos sobre as adaptações que a Federação Gaúcha de Futsal nas categorias sub 9 e sub 11, os Treinadores 2, 3, 4 e 5 também falaram sobre alguns aspectos negativos e fizeram algumas propostas de adaptações que estariam faltando no regulamento:

TREINADOR 2: *A criança poderia ainda ser mais sujeito das competições, com mais adaptações como, por exemplo, o tamanho da goleira; alguma medida para os pais, orientando a torcida a ser conduzida de uma maneira melhor para que não haja prejuízo para a criança. Acho que seria bom pra criança se a torcida fosse instruída.*

TREINADOR 3: *Antigamente tinha uma barra de madeira de 40 cm entre a trave e o chão nas goleiras para diminuir o tamanho e o goleiro poder participar mais do jogo. Isso seria interessante que voltasse para as regras.*

TREINADOR 4: *Mas faria algumas mudanças, como por exemplo: dividiria em quatro quartos a partida e faria a participação igualitária de todos os atletas durante a partida.*

TREINADOR 5: *Acredito que ainda temos muito que evoluir, assim como existe o mini tênis e o mini vôlei e o mini handball, o mini futsal ainda não tem. Quem sabe se em um mini futsal se premiaria mais lúdico. [...] também acho inadequado pegar um ônibus às 7 horas da manhã, viajar 300 km, jogar um jogo e viajar mais 4 horas para voltar pra casa. Extremamente desgastante. [...] poderiam ser criadas outras formas de jogo. Os clubes mandantes terem atividades lúdicas. Espaços dentro da competição para fazer um festival ou um torneio início para fazer com que as crianças dentro da competição convivam mais. Congresso e palestras para as crianças também.*

Todos os treinadores propuseram adaptações no tamanho da goleira, como foi proposto na modalidade de minifutsal apresentada anteriormente. O Treinador 5 faz menção às distâncias muito longa que as crianças tem que viajar para jogar o campeonato estadual, concordando com a teoria de Marques (2004) que diz que os eventos competitivos devem ocorrer maioritariamente dentro de limites locais e regionais.

A Federação Paulista de Futsal também faz algumas adaptações nas categorias sub 9 e sub 11. Faz mais adaptações quando comparada a Federação Gaúcha de Futsal, que além das adaptações feitas no Rio Grande do Sul, ainda adapta o tamanho da goleira e faz mais quatro adaptações funcionais para as crianças, como: a equipe adversária deve ficar atrás da linha dos 10m no arremesso de meta; não pode gol de bola de saída; após a cobrança de lateral, a equipe deverá dar três toques na bola antes de fazer o gol; quando o goleiro lançar a bola, a equipe adversária não pode devolver a bola de primeira. As adaptações mais elaboradas na Federação Paulista de Futsal podem ser observadas no quadro a seguir:

**Quadro 2** – Adaptação no regulamento das categorias sub 9 e sub 11 em SP

<b>Adaptações Estruturais</b>	<b>Adaptações Funcionais</b>
Tempo de jogo.	Equipe adversária atras dos 10m no arremesso de meta.
Tamanho de quadra.	Todos os atletas entram emquadra.
Tamanho de bola.	Goleiro não pode lançar abola.
Tamanho da goleira.	Não pode gol na bola de saída. Tiro lateral. Arremesso de meta.

Fonte: Adaptada de Federação Paulista de Futsal (2016).

Os campeonatos de futsal do Rio Grande do sul, promovidos pela Federação Gaúcha de futsal parecem se preocupar mais com as crianças quando comparado com o Futebol de campo do estado. Através do estudo de Hein (2015) nas competições de futebol de campo para as categorias até 13 anos foram encontradas poucas adaptações para as crianças e estas alterações não são suficientes para melhor adequar as competições as necessidades das crianças, se comparadas aos modelos de competições de futebol infanto-juvenil de outros países. As adequações nas competições de futebol de 10 a 13 anos de idade no RS são apenas de: redução do tempo de jogo oficial, tendo uma disparidade de tempo jogado pelas crianças; o aumento do número de substituições, não havendo obrigatoriedade de todas as crianças participarem do jogo; o tamanho e peso da bola são alterados nas categorias de 10 e 11 anos; e por fim, adaptações no “tiro de meta” e no “escanteio”. Estas adaptações são suficientes, porque não levam em consideração o estágio de desenvolvimento em que se encontram as crianças, principalmente as até 11 anos e suas dificuldades encontradas nos jogos.

#### 4.3 NÚMERO E FREQUÊNCIA DE PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS NO FUTSAL

O número e a frequência de participações competitivas é um tema bastante importante e deve ser estudado para que as crianças tenham um melhor aproveitamento dos aprendizados adquiridos através das competições, transferindo e utilizando fora da vida desportiva e para uma melhor adequação do modelo de competição às crianças e jovens. Por ser um tema bastante discutido por diversos autores (ROST, 1997; ARENA; BOHME, 2004; MARQUES, 2004; BOMPA, 2009) e não existir um consenso acerca do número ideal, os treinadores foram questionados sobre a atual situação na qual se encontram as competições de futsal das categorias sub 9 e sub 11. De maneira geral, de acordo com os treinadores, o

número e a frequência de competições depende de cada escola e professor. A seguir as respostas acerca do tema:

TREINADOR 1: *Depende de cada escola. Os clubes se adaptam com o que tem no dia a dia. Temos que ter o cuidado com o excesso de competições, pois quando se tornam demasiadas, são maléficas para a criança. As competições da federação não tem frequência alta e também não são muito espaçadas. Uma rodada ou no máximo duas rodadas por mês na federação, mais jogos de campeonatos paralelos e intercâmbios. [...] as competições da federação não tem frequência alta e também não são muito espaçadas. Uma rodada ou no máximo duas rodadas por mês na federação, mais jogos de campeonatos paralelos e intercâmbios.*

TREINADOR 2: *Depende de cada escola. O campeonato da federação era nossa principal competição. Porém jogávamos outras competições que ajudam muito na motivação das crianças, pois elas gostavam muito de jogar. Acho que o número de participações competitivas estava adequado. As crianças tinham uma atividade por mês, no mínimo.*

TREINADOR 3: *Aqui no clube todos os alunos jogam e participam de competições (em número de três a cinco) adequadas ao seu nível.*

TREINADOR 4: *O número de participantes no campeonato da federação é muito baixo, portanto a frequência de participações não é muito grande. Se tivesse um número maior de participantes acredito que o número de jogos seria exagerado para essas idades, tendo em vista que participamos de mais campeonatos além do proposto pela federação.*

TREINADOR 5: *Nenhum clube é obrigado a jogar um número certo de competições. Depende da estrutura de cada clube e professor quanto ao plantel disponível. Temos diversas opções de campeonato para jogar: estadual, metropolitano, citadino, intersocial, prefeitura.*

Os entrevistados responderam as perguntas sobre o número e a frequência de participações competitivas de forma a abranger todos os tipos de competições de futsal que as crianças participam, sejam elas as da Federação Gaúcha de Futsal ou os campeonatos menos estruturados, simplificados, diversificados, como propõe Marques (2004). Segundo os treinadores, no âmbito de futsal do estado do Rio

Grande do Sul existem bastante competições disponíveis para os clubes, tanto campeonatos de alto nível quanto de menor nível, assim o professor e o clube tem a possibilidade de escolher quais competições participar durante uma temporada. Portanto este parece não ser um grande problema, como é visto em outras modalidades como no tênis e no Karate-do, que de acordo com o estudo de Gonçalves (2014) e Aires (2015) , o número e a frequência das participações competitivas é insuficiente.

Outra abordagem feita pelos professores foi sobre importância da participação das crianças nas competições conforme o nível de cada uma. Os Entrevistados 1, 2, 3 e 4 fizeram menção a este quesito:

*Entrevistado 1: Acredito que as crianças necessitem participar de competições menos estruturadas e simplificadas. Mas também se o clube e a criança estão em condições de participar de competições da federação, o professor deve dar essa oportunidade.*

*Entrevistado 2: Têm alunos que vão necessitar de competições menos estruturadas e, por outro lado, existem crianças que vão pedir competições de nível mais alto. Temos que orientar as crianças para o que elas precisam.*

*Entrevistado 3: No nosso clube temos alunos de diferentes tipos. Alunos extremamente competitivos e alunos que estão aqui somente para se divertir e fazer uma atividade física. E dentro dessa população devemos agradecer a todos. Então nas competições da federação vão os meninos que estão mais preparados para saber lidar com essa situação. Nos campeonatos menos estruturados vão os meninos que estão nesse nível.*

*Entrevistado 4: Mas de modo geral a criança deve entrar primeiramente em competições simplificadas, à medida que o tempo vai passando, a criança consegue responder a estímulos mais avançados e com isso pode começar a adentrar em competições mais estruturadas. É criança, com o tempo, que vai sentir a necessidade de participar de uma competição com o nível mais alto.*

Com isso cabe ao professor e ao clube escolherem o número e o nível das competições que cada equipe e atleta participará.

Quando os professores falam sobre competição de alto nível, estão se referindo diretamente às competições da Federação Gaúcha de Futsal, tendo em vista que é o mais alto patamar das competições nas categorias sub 9 e sub 11. Portanto, como pode-se perceber, os treinadores entendem que existem crianças que estão preparadas para participar deste tipo de competição, como existem as que não estão preparadas. Trechos das entrevistas dos Treinadores 1, 2 e 5 concordam de forma geral com todos os treinadores ao dizer que a proposta da Federação Gaúcha de futsal, nas categorias em questão, é organizar um campeonato forte e as competições adequadas às crianças mais desenvolvidas:

*Entrevistado 1: A competição da federação gaúcha só é adequada para as crianças que estão em um nível acima da população em geral.*

*Entrevistado 2: A proposta da federação é organizar um campeonato forte. Cabe ao professor e a escola como lidar com isso.*

*Entrevistado 5: Quando jogávamos o campeonato da federação, apenas levávamos as crianças que estavam preparadas para disputar as competições daquele nível.*

Por fim foi perguntado se um número maior de competições no contexto do futsal seria algo positivo. Os treinadores deram mais importância à qualidade dessas competições do que o volume. Entende-se que seja pelo fato de que a modalidade de futsal no Rio Grande do Sul ofereça bastantes competições, e então a questão é voltada ao excesso de competição e não à escassez. A passagem do Entrevistado 2 consegue abranger a resposta de todos os treinadores, que foi unanimidade neste quesito:

*TREINADOR 2: O que interessa não é a quantidade, e sim a qualidade. Vale mais a pena a criança participar de uma competição de acordo com o nível dela do que de várias competições que não são do seu nível. A criança tende muito mais a ganhar nessa competição bem elaborada pro nível dela do que em varias competições que não são do nível dela. Os professores devem identificar o volume adequado de participações competitivas. Lembrando que a criança tem que ter tempo para outras atividades, para brincar e até mesmo fazer outros esportes. Com muitas competições durante a temporada podemos incentivar a especialização precoce, porque isso se torna cansativo*

*para os alunos e o eles podem acabar deixando de praticar o esporte, e aí está a grande derrota do professor: perder um aluno porque cansou de jogar.*

Este posicionamento visto nas falas dos professores vai ao encontro de Rost (1997). O autor explica que geralmente, na construção em longo prazo da carreira esportiva, há um aumento numérico das competições. Porém, deve-se tomar cuidado, tendo em vista que a competição constitui, ao mesmo tempo, uma carga psicofísica muito alta, e nas categorias juvenis, um número e frequência de participações competitivas demasiado pode levar a fenômenos de saturação psicológica. A especialização precoce citada pelo treinador foi observada no estudo de Paes (2006), onde diz que a iniciação esportiva deve ocorrer o mais precocemente possível, porque praticar esporte desde a infância poderá proporcionar inúmeros benefícios, mas a especialização esportiva em uma modalidade, que no caso é o futsal, deve respeitar as características da criança e suas fases sensíveis no seu desenvolvimento.

#### 4.4 A COMPETIÇÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE DA FORMAÇÃO ESPORTIVA

Quando Marques (2004) trata sobre este assunto, dois são os fatores que influenciam na competição para que ela tenha valor educativo e auxilie na formação de crianças e jovens além dos tópicos abordados anteriormente (as adequações da competição conforme à criança; número e frequência de participações competitivas). Os dois fatores estão intimamente ligados a questão dos resultados da competição. O primeiro fator é o valor educativo das vitórias e derrotas. A ideia de que ganhar ou perder é irrelevante e que o importante é participar é um erro cometido com frequência. A competição é elemento estruturante da formação dos mais jovens, tanto nas vitórias como nas derrotas. A derrota é tão ou mais importante que a vitórias na formação das crianças.

O segundo fator investido pelo autor é a supervalorização dos resultados. Deve-se pensar e questionar a competição quando o valor atribuído aos resultados é maior do que um enquadramento das atividades competitivas para as crianças. Uma valorização excessiva dos resultados na competição terá inevitavelmente como

consequência um aumento inapropriado do volume e intensidade das cargas e uma rápida especialização dos exercícios e métodos de treino. O que prejudica a formação (MARQUES, 2004).

Todos os treinadores concordam que existe potencial educativo tanto nas vitórias como nas derrotas. A seguir as respostas dos treinadores sobre esta questão:

TREINADOR 1: *A derrota é importante para a formação pessoal. Uma equipe que só vence é conhecida apenas nas alegrias e assim não trabalhamos o indivíduo como um todo. É necessário conhecer a criança na derrota também, pois ela está presente na vida e a criança precisa aprender a lidar com a derrota no trabalho, num relacionamento, por exemplo. A derrota numa partida deve servir de exemplo para que a gente erga e cabeça e trabalhe mais para que a gente possa construir uma vitória na partida seguinte.*

TREINADOR 2: *Devemos saber perder, mas também devemos saber ganhar. Muitas vezes quando há uma vitória a primeira atitude é zombar do adversário. Devemos saber ganhar. Ganhar, cumprimentar o adversário, cumprimenta os árbitros e assim temos uma postura vencedora. Só ganhar é muito fácil. E na derrota também devemos explorar a educação, pois todos, um dia, teremos derrotas na vida. Deve servir como um degrau e um apoio para chegar na vitória, trabalhando para ganhar na próxima.*

TREINADOR 3: *A vitória é muito boa, pois demonstra que o trabalho deu certo. Mas devemos saber orientar os alunos nesse caso, pois tem um adversário do lado que perdeu e devemos respeitar. No início e ao final do jogo as duas equipes devem se cumprimentar. E na derrota também existem valores educativos. Aprender a ver onde foi o erro, a refletir melhor, ver o que está acontecendo. Volto a dizer que cabe ao professor saber lidar com essas situações.*

TREINADOR 4: *Numa derrota é possível transformar uma equipe, tirando vários ensinamentos. Principalmente da parte de desenvolvimento psicológico da criança, explicando que derrotas acontecem e que fazem parte da vida. Assim como também é possível aprender diante das vitórias, pois ninguém é eternamente vencedor e a equipe só chegou nesse resultado porque trabalharam em coletividade, lembrando que em algum momento a derrota*

*pode aparecer. A derrota é tão importante quanto a vitória, visto que tem momentos em que se força uma derrota para uma equipe que só ganha, para perceberem que precisam continuar evoluindo. Isso é muito importante nessa fase de desenvolvimento e o profissional deve estar bem preparado.*

*TREINADOR 5: Dependendo de quem esta comandando o processo e da família auxiliando existe, sim, potencialidades educativas. Às vezes a gente ganha um jogo e vê um atleta frustrado pelo xingamento de um pai ou colega, outras vezes perdemos jogos que já sabíamos que era difícil mas que jogamos muito bem e demos nosso máximo até o final. Por isso o valor educativo depende de como o professor vai administrar as situações.*

É comum encontrar treinadores que valorizam apenas a vitória e não apropriam-se da derrota para melhor conduzir o processo de formação e educação das crianças. Não é o que acontece no futsal. É nítido que os treinadores valorizam tanto as vitórias como as derrotas e utilizam os resultados para melhor conduzir o processo de desenvolvimento das crianças. Porém, como pode ser observado na fala dos Treinadores 3, 4 e 5, é papel diretamente do professor essa função, concordando com os achados de Hein (2015) em seu estudo sobre as competições de futebol de campo para iniciantes. De acordo com o treinadores do estudo referido, de nada adianta a competição estar adequada em seus conteúdos em relação às necessidades e capacidades das crianças tanto nos treinos como nos jogos; não adianta o seu calendário estar bem organizado promovendo jogos sistematicamente; não adianta ela promover valores de integração e sociabilização entre atletas e profissionais envolvidos; se no final, a maneira como ela é conduzida pelo treinador e pelos envolvidos no processo estiver inadequada.

Apesar dos treinadores entenderem o papel da vitória e da derrota, existe outro fator que não depende só dos professores: a supervalorização dos resultados nos modelos de competição que, no caso, é a competição da Federação Gaúcha de Futsal. Foi unanimidade também neste quesito que o atual modelo de competição supervalora os resultados. Dentro dessa perspectiva pode-se dar alguns exemplos, citados pelos professores, que concretizam esta afirmação: Apenas o campeão aparece no site da federação; apenas os três primeiros colocados recebem medalha; o troféu do primeiro colocado é o maior; desatenção às equipes

desclassificadas. O Treinador 4 questiona justamente esta supervalorização da Federação para com os resultados, e o Treinador 1 complementa a implicação dessa supervalorização na formação das crianças:

*TREINADOR 4: Por que supervalorizar uma competição que não leva a nada a não ser ganhar troféus e medalhas? Por que as medalhas de primeiro, segundo e terceiro lugar e tamanhos de troféus não podem ser de tamanhos iguais? Qual é o benefício que isso traz para a formação da criança? Não tem porque supervalorizar competições nessas idades porque ela não vai ter nenhuma vaga ou vantagem no outro ano, vai começar do zero.*

*Todo esse glamour do campeão me preocupa, pois estamos falando de formação pessoal de crianças, na questão de formação de indivíduo, então os estímulos que ele receber nessa idade serão levados para o resto da vida, então são coisas que temos que cuidar.*

O Treinador 4 faz uma reflexão muito interessante acerca das competições para as crianças sub 9 e sub 11. Em competições de futsal até 13 anos não existe participação nacional, então, não existe aspiração maior nessas categorias, não há uma grande necessidade de ser campeão, não há uma grande necessidade em visar tanto o resultado, afinal ser campeão nessas categorias não proporcionará ao clube e aos atletas uma ascensão em termos de nível competitivo, o que vai de encontro a ideia de Bento (1999). E complementando esse raciocínio, o Treinador 1 reflete sobre a preocupação desta supervalorização dos resultados na formação das crianças, concordando com Gonçalves (2014) que diz que a supervalorização dos resultados está diretamente relacionada à frustração na derrota e às expectativas criadas pelas crianças e quem está a sua volta.

#### 4.5 A INFLUENCIA DOS PAIS NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ESPORTIVA DE FUTSAL INFANTIL.

Apesar de não fazer parte da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004), a influência dos pais tornou-se uma nova categoria do estudo pelo fato de ser mencionado durante as entrevistas e por todos os treinadores entrevistados. No caso do futsal, os pais sempre foram mencionados

como uma influência negativa no processo da competição esportiva para iniciantes. Principalmente quanto à supervalorização dos resultados. A seguir as passagens das entrevistas que ilustram essa afirmação:

TREINADOR 1: *Às vezes essa pressão de pais e dirigentes acaba influenciando na forma de como lidar com os resultados. [...] as crianças entendem muito melhor a derrota, porque elas não tem ainda na cabeça desenvolvido o que é vitória e o que é derrota exatamente.*

TREINADOR 2: *Vi muitas vezes uma participação muito forte da torcida, a pressão em árbitros, a pressão em professores e algumas posturas inadequadas de pais, que são pais e não torcedores comuns, perante professores e até mesmo com as crianças. É ruim para todas as crianças quando tem alguém exaltado no ginásio. Acho que isso deveria ser repensado e controlado pelos organizadores.*

TREINADOR 3: *O que mais me preocupa são os pais, porque eles sim, supervalorizam o resultado. Logo após o jogo as crianças nem lembram mais o resultado e os pais ainda estão comemorando em caso de vitória ou reclamando em caso de derrota.*

TREINADOR 4: *[...] acredito que o grande problema está voltando para o próprios pais dessas crianças. A ansiedade dos pais é muito maior do que a ansiedade dos filhos. [...] todos os problemas que eu vejo tem envolvimento do adulto, e nunca das crianças.*

TREINADOR 5: *[...] mas a pressão da torcida prejudica bastante nesse aspecto. Por exemplo quando um professor pede para o time recuar um pouco a marcação e um pai grita da arquibancada para “apertar” a marcação. Deveria ter um trabalho de informação aos pais. Conheço alguns clubes que fazem reuniões sistemáticas com os pais, apresentam palestras e orientam em relação a postura.*

Tani (2002) diz que os pais influenciam diretamente na qualidade da competição e que a pressão exercida pelos familiares sobre os filhos contribui negativamente para a educação e formação das crianças, como relatado pelos treinadores. Segundo o autor não há nada mais cômico e trágico do que o

comportamento dos pais quando torcem pelos seus filhos numa competição esportiva.

Os pais tendem a engajar-se de forma ativa na vida esportiva dos filhos, chegando até mesmo, algumas vezes, a conflitos com o treinador, como relatado pelo Treinador 2. E a empolgação dos pais, em particular quando estes criam expectativas muito elevadas em relação às carreiras esportivas dos filhos, pode ter ainda outras consequências. A vontade das crianças em não desapontar os pais, que muitas vezes supervalorizam os resultados, pode conduzir ao uso de cargas excessivas (KURZ *et al.*, 1988 *apud* MARQUES; OLIVEIRA, 2002), mesmo quando as possibilidades dos filhos atingirem objetivos são reduzidas. Nestas situações, é responsabilidade do treinador conversar com os pais sobre as possibilidades das crianças, protegendo-as das pretensões esportivas dos pais (MARQUES; OLIVEIRA, 2002).

O Treinador 5 sugere um trabalho de informações aos pais quanto a postura nas competições dos filhos, concordando com Marques e Oliveira (2002) que diz que essa importância dos pais na atividade esportiva dos filhos tem determinado, em muitos países, um investimento cada vez mais forte na “educação” dos pais. Este também é um desafio para os pesquisadores da pedagogia do esporte: desenvolver estratégias para informar e formar os pais, ajudando-os a perceber como podem influenciar na vida esportiva dos filhos positivamente de forma a uma participação mais adequada dos seus filhos nas atividades esportivas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo avaliar as competições de futsal propostas pela Federação Gaúcha de Futsal nas categorias sub 9 e sub 11 a partir da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004). Para isso foram construídas questões norteadoras baseadas nas categorias propostas pela mesma teoria, afim de verificar se as competições esportivas para iniciantes neste esporte estão adequadas aos interesses e capacidades de seus participantes de modo a atuarem como um modelo de formação e educação.

Respondendo as questões norteadoras deste estudo, a partir dos regulamentos da Federação e de entrevistas com os treinadores, foi possível observar que as competições no Rio Grande do Sul são pensadas e estruturadas tendo a criança como sujeito central, porém as crianças ainda poderiam ser mais sujeitos e os campeonatos, apesar de terem adaptações importantes para que as crianças possam desenvolver o esporte de maneira adequada, como tamanho da bola; tamanho da quadra; tempo de jogo; não há punições com cartão; o goleiro não pode lançar a bola sem quicar no seu campo; todos os atletas entram em quadra; ainda necessitam de mais adaptações. As adaptações mais importantes sugeridas pelos treinadores entrevistados e que faltam no modelo atual são: o tamanho da goleira, que deveria ser menor tendo em vista o tamanho das crianças; uma menor distância a ser percorrida pelos times para realização dos jogos fora da cidade; o resultado da partida não ser baseado pelo número de gols, mas sim por quantidades de vitórias em cada tempo de jogo; e mais possibilidade de jogos para as equipes que perdem, formando campeonatos paralelos e excluindo o formato eliminatório.

O futsal pode ser elemento estruturante da formação das crianças, pois as vitórias e derrotas representam potencialidades educativas. De acordo com os treinadores entrevistados, as situações de desafio oferecidas pela competição e principalmente as vitórias e derrotas são oportunidades singulares para desenvolverem seus alunos no processo educacional. Porém a Federação e alguns clubes supervalorizam os resultados da competição, o que prejudica o processo. Como pontos inadequados e negativos das competições de futsal, além da supervalorização dos resultados, a pressão dos pais se deu como a influência mais negativa e por ter aparecido em todas as entrevistas, tornou-se outra categoria. É

necessário que os pais também passem por um processo de educação em relação à participação dos filhos no esporte, porque sempre foram citados negativamente pelos treinadores. Outro ponto que pode ser negativo é o despreparo de alguns professores que não entendem a importância do valor pedagógico das vitórias e derrotas e se deixam levar pelas pressões de alguns clubes que também supervalorizam os resultados e acabam transferindo isso para as crianças.

O número e a frequência de participações competitivas parece não ser um problema na modalidade futsal, tendo em vista que além das competições da Federação, as crianças ainda participam de diversos campeonatos paralelos, menos estruturados, diversificados. Este aspecto depende de cada clube e professor, que devem saber a quantidade adequada de competições para as crianças. Segundo os treinadores o número e a frequência de competições tanto da Federação, quanto as competições em geral estão adequadas às crianças.

Por conseguinte é possível concluir que as competições propostas pela Federação Gaúcha de Futsal atuam de maneira positiva na educação e formação de crianças e jovens. São parcialmente adequadas às crianças, necessitando de alguns ajustes. Entretanto, as competições só estão adequadas às crianças mais desenvolvidas, por se tratar de um campeonato no qual a proposta é o alto nível.

Este estudo apresenta algumas limitações. Na estrutura, é possível observar a dificuldade em encontrar documentos relevantes para a pesquisa. Os documentos que foram utilizados são os regulamentos de apenas uma federação de futsal, escolhida pelo fato de organizar a competição de maior nível no âmbito estadual, podendo levar a apenas uma visão de estrutura organizacional do esporte. Apenas cinco treinadores foram entrevistados, e isso conduz a uma generalização dos achados e por óbvio, suas respostas estão influenciadas por, além de suas vivências, pelo contexto e realidade do clube. Para futuros estudos, indica-se que outros treinadores, de todas as regiões do Rio Grande do Sul sejam entrevistados e, principalmente os diretores dos clubes e pessoas da Federação para uma melhor coleta de dados. Sobre a parte teórica, a limitação principal é que existe apenas uma teoria da competição esportiva formulada especialmente para as crianças no sentido de formação e educação: a teoria de Antônio Marques (2004). As questões central e norteadoras do estudo foram sustentadas por esta teoria, porém a falta de autores nesta área prejudica uma melhor discussão dos resultados, principalmente quando

se refere ao futsal, justificando a necessidade de novos estudos na área. Por fim, acredita-se que este estudo contribui para um conhecimento mais aprofundado na área e pode ajudar na condução das competições de modo a serem cada vez mais adequadas às crianças e jovens.

## REFERÊNCIAS

AIRES, H. **As competições de Karate-do**: perspectivas à formação e educação de crianças e jovens. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ARENA, S. S.; BOHME, M. T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p.45-50, dez. 2004.

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas**: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2001.

BALBINO, H. F.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino e aprendizagem do basquetebol. *In*: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

BALBINOTTI, H. F. Os jogos desportivos coletivos e as inteligências múltiplas na interface da relação homem e ambiente. *In*: MOREIRA, W. W.; REGINA, S. (Org.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 2002.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013. p.189-217.

BENTO, J. O. **Contextos da pedagogia do desporto**: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

BENTO, J. O. Desporto e princípio do rendimento. *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Org.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 58-90.

BOMPA, T. **Periodization**: theory and methodology of training. 5. ed. Champaign: Human Kinetics, 2009.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTSAL. **Regulamentos das categorias sub 9 e sub 11**. 2015. Disponível em: <<http://www.fgfs.org.br/index.php/2015-08-04-03-44-24>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTSAL. **Category archives**: menores. 2016. Disponível em: <<http://www.federacaopaulistadefutsal.com.br/category/menores/>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALATTI, L. R. *et al.* Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. especial, p. 397-408, jul. 2008.

GAYA, A. C.; TORRES, L.; BALBINOTTI, C. Iniciação esportiva e a educação física escolar. *In*: SILVA, F. M. da. **Treinamento desportivo**: aplicações e implicações. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 15-25.

GOMES, A. C. **Treinamento desportivo**: estrutura e periodização. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONÇALVES, G. H. T. **A competição de tênis como modelo de educação e formação de crianças**: o caso das categorias até 10 anos. 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HEIN, A. P. **Competições esportivas como meio de educação e formação de crianças e jovens**: um estudo sobre as categorias de 10 a 13 anos no futebol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

MARQUES, A. T. Fazer da Competição dos mais jovens um modelo de formação e educação. *In*: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 75-96.

MARQUES, A.; OLIVEIRA, J. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. *In*: BARBANTI, V. J. **Esporte e atividade física**: interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002. p. 51-73.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

MELO, R. S. de. **Esportes de quadra**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

MESQUITA, I. **Pedagogia do treino**: a formação em jogos desportivos coletivos. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

MILISTETD, M *et al.* Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, p. 671-678, 2014.

MILISTETD, M. *et al.* Concepções dos treinadores acerca do papel da competição na formação desportiva de jovens jogadores de voleibol. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 151-158, 2008.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 63-99.

PAES, R. Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce. *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. (Org.). **Pedagogia do esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 219-226.

PLATONOV, V. **El entrenamiento deportivo, teoría y metodología**. Barcelona: Paidotribo, 1988.

PLATONOV, V. **Teoria geral do treinamento deportivo olímpico**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RIBEIRO, D. A.; FONSECA, V. H. G. B.; SANTANA, W. C. de. Idade de início da prática sistemática e vínculo federativo de jogadores adultos participantes da liga futsal 2011. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v. 6. n. 20. p. 132-137, maio/ago. 2014.

ROST, K. **As competições no esporte juvenil: treino desportivo**. Lisboa: IND, 1997. p. 3-10.

SILVA, F. M.; FERNANDES, L.; CELANI, F. O. Desporto de crianças e jovens: um estudo sobre as idades de iniciação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 2 p. 45-55, 2001.

TANI, G. Iniciação esportiva e influências do esporte moderno. *In*: SILVA, F. M. da. **Treinamento desportivo: aplicações e implicações**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 143-151.

THIESS, G.; LÜHNENSCHLOSS, D.; WILLE, U. La competición deportiva. *In*: THIESS, G.; TSCHIENE, P.; NICKEL, H. (Org.) **Teoría y metodología de la competición deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 2004. Cap. 1. p. 9-67.

WEINECK, J. **Treinamento ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil**. 9. ed. Barueri: Manole, 2003.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### Termo de consentimento Livre e Esclarecido

O presente projeto de pesquisa, intitulado “COMPETIÇÕES ESPORTIVAS COMO MEIO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS: UM ESTUDO SOBRE AS CATEGORIAS SUB 9 E SUB 11 DE FUTSAL” tem por objetivo descrever a situação e aplicabilidade da competição de futsal até 11 anos como um modelo de educação e formação de crianças. Você está sendo convidado, como voluntário, a participar deste estudo por poder contribuir com o mesmo a partir de seus conhecimentos e experiências. Se você concordar em participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista, gravada, com um roteiro pré-elaborado pelo pesquisador, com o tempo de duração de aproximadamente 50 minutos. Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivencia e protagoniza o cotidiano da competição de futsal até 11 anos.

Dessa forma, as informações e os resultados oriundos desse estudo poderão contribuir para o desenvolvimento do esporte em geral. Cabe salientar que durante sua participação no estudo não haverá riscos adicionais aos já existentes em seu dia a dia. Tampouco haverá riscos de exposição a partir da sua entrevista, tendo em vista que as informações não serão liberadas sem sua permissão por escrito, exceto se exigido por lei. A identidade dos participantes não será revelada, a menos que seja esse o desejo do entrevistado, e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos. Nesse caminho, registra-se que a entrevista armazenada em gravador digital de áudio será integralmente transcrita constituindo-se, ao final do processo, em documento escrito. Antes de sua utilização, tal documento será devolvido ao entrevistado para a conferência das informações contidas nele. Assim, somente depois disso, será concedida a liberação definitiva de uso. Neste momento, um novo termo de consentimento, que anuncie tal liberação, será assinado.

Você é livre para retirar-se da pesquisa a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade, perdas ou danos. Todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo pesquisador através do seu telefone/e-mail: (51) 81932117 / alexandrebrodfarias@hotmail.com, ou de seu orientador, telefone/e-mail: (51) 9999-4957 / cbalbinotti@terra.com.br. Através do contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629, você poderá recorrer se, em algum momento da pesquisa, você se sentir prejudicado (a) ou negligenciado (a) em seus direitos.

## **APÊNCIDE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS TREINADORES DE FUTSAL DAS CATEGORIAS SUB 9 E SUB 11**

### **Nota introdutória da Entrevista aos treinadores**

Atualmente, há duas concepções pedagógicas que discutem as competições esportivas infanto-juvenis:

(a) Os pedagogos que rejeitam a adoção das competições esportivas como um modelo de educação e formação de crianças e jovens sustentam seus argumentos no fato de que as competições esportivas possuem características agonísticas, além de promover valores exacerbados de concorrência e individualismo, em prejuízo de valores de igualdade e solidariedade;

(b) Os pedagogos que aceitam a adoção das competições esportivas como um modelo de educação e formação de crianças e jovens sustentam seus argumentos pelas seguintes razões: 1) possibilidade que as competições oferecem de avaliar as próprias capacidades dos jovens, comparando-as com a dos outros; 2) de se mostrar tudo aquilo que se é capaz, de se obter sucesso, de se superar; 3) de se criar junto com os amigos; 4) de se criar e desenvolver valores para a sua futura vida em sociedade.

**Você, enquanto professor/treinador de futsal, se identifica com qual das duas concepções teóricas acima descritas? Justifique.**

### **NOVAS PRÁTICAS COMPETITIVAS NUM DESPORTO MAIS CONFORME À CRIANÇA**

1. Você acredita que a competição em seu esporte é pensada tendo a criança como sujeito? (Se sim, justifique. Se não, aponte como seria uma competição pensada de acordo com os interesses e necessidades deste público.)
2. Você acredita que o modelo de competição adotado pela Federação Gaúcha de Futsal – estrutura, regras, conteúdos, métodos, código de condutas – atende os interesses e necessidades das crianças? Justifique.

3. Você acredita que o modelo de competição está adequado às capacidades - cognitivo-motoras, biológicas e psicossociais – das crianças? Justifique.
4. Você realiza atividades competitivas nos treinamentos? (Se não, justifique. Se sim, de que forma?)

#### A COMPETIÇÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE DE TODA A FORMAÇÃO DESPORTIVA

1. Você acredita que o atual modelo de formação supervaloriza os resultados da competição – conforme o modelo adulto de alto rendimento – ou apropria-se dos resultados para melhor conduzir o processo de educação e formação das crianças? Justifique.
2. Você acredita que vencer ou perder é a mesma coisa e o importante é participar?
3. Você acredita que há potencialidades educativas nas vitórias e nas derrotas? Justifique.

#### O NÚMERO E A FREQUÊNCIA DAS PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS

1. Em sua opinião, o que seria mais adequado à educação e formação de jovens: (a) evitar as competições de qualquer natureza; (b) participar apenas das competições menos estruturadas, simplificadas, diversificadas; ou (c) participar de todas as competições, tanto federadas quanto as menos estruturadas? Justifique.
2. Durante as competições as crianças tem a oportunidade de colocar-se à prova consigo mesmo e com os demais colegas. Você acredita que um maior número de competições esportivas seria algo positivo nessa perspectiva?
3. Você acredita que o número e a frequência de participações competitivas das crianças estão adequados à sua educação e formação? Considere não apenas as competições formais ou federadas, mas também pequenas competições: nos treinos, intercâmbios, etc. Justifique.

**APÊNDICE C - DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE**

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do CPF número \_\_\_\_\_ fui esclarecido (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de participar do estudo. Recebi informações a respeito dos procedimentos de pesquisa realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. O pesquisador certificou-me também de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, exceto se liberados por mim com permissão por escrito. Fui informado (a) que caso existirem danos à minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito à indenização, conforme estabelece a lei.

Sei que sou eximido (a) de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso apresentar novas perguntas sobre esse, o aluno Alexandre Patz Hein, pesquisador, estará a disposição no telefone (51) 8543-1096, bem como seu orientador e pesquisador responsável, Prof. Carlos Adelar AbaideBalbinotti, pelo telefone (51) 9999-4957, atendendo a qualquer solicitação sobre meus direitos como participante deste estudo. Também poderei obter esclarecimentos através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629.

Declaro que recebi esta cópia do presente Termo de Consentimento.

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Local e Data

Assinatura do entrevistado (a)

\_\_\_\_\_  
**Alexandre Brod Farias**

Assinatura do Pesquisador